

A FUNÇÃO SOCIAL DA PROSTITUTA

Francisca Ilmar de Sousa*

Elaboro neste pequeno ensaio alguns aspectos do imaginário semântico sobre a prostituição e que acaba por se refletir no depoimento dos informantes que aqui foram registrados.

LANE, ao falar dos usos e abusos do conceito de representação social, chama atenção para as comparações que fez ao observar uma considerável inconsistência no que se referia ao conceito de atitudes.

A Representação Social, ou seja, a verbalização das concepções que o indivíduo tem do mundo que o cerca, substituiria, com vantagens, esse conceito. Nas representações, pode-se detectar os valores, a ideologia e as contradições, enfim, aspectos fundamentais para a compreensão do comportamento social, sem a necessidade de inferir predisposições que pouco garantem uma relação causal com comportamentos (1993:59).

Nesse sentido, foi que privilegiei este trabalho partindo da compreensão das representações sobre os vários temas presentes nos depoimentos dos entrevistados. Talvez, através dessas falas, possa-se perceber o sentido da existência e da função que a prostituição tem exercido durante anos e, assim, apresentar-se como a mais “antiga das profissões”.

DEFININDO A PROSTITUIÇÃO

Uma das representações que suscitou uma discussão interessante foi a relativa à definição da prostituição. Essa se foi desenvolvendo baseada no discurso do senso comum que nomeia inúmeros

comportamentos interpretados como prostituintes. Além disso, a literatura especializada baseia-se, principalmente, na argumentação da sobrevivência da mulher prostituída para construir conceitos definidores do ato prostituinte. Conforme os depoimentos obtidos através das entrevistas, observam-se várias formas de entendimento e definições sobre prostituição, como a seguir:

Eu acho que hoje é um meio de vida. Não é mais pelo simples fato de querer ou de gostar e ser, não. Eu acho que é mais um meio de vida. Antes eu achava que era as duas coisas. Hoje, acho que é metade uma e metade outra (Funcionário Público, 02/1996).

Outros ainda, que vivenciaram a prostituição, perceberam um pouco mais do que a simples sobrevivência, como se observa no depoimento anterior:

Já conheci pessoas que se prostituí porque quer e porque gosta. Tem outras que já dizem que tá ali é por necessidade porque não tem outro campo de trabalho. As vezes eu acho que é pouco de tudo. Agora, a maioria se prostitui porque precisa mesmo (Funcionário Público, 12/1995).

Lúcia acha que é:

Mais assim um meio de sobrevivência. Acho que é a falta de emprego ou é porque a gente ganha um dinheiro mais rápido, mas também gasta mais rápido (Prostituta, 02/1996).

Sabrina afirma também a sobrevivência por falta de opção e de oportunidades:

* Mestre em sociologia pela Universidade Federal do Ceará

Não digo com orgulho, não. Eu digo é assim com fé porque pra mim foi só falta de opção mesmo. Por isso é que eu tive naquela prostituição tantos anos (Ex-prostituta, 05/1996).

Em outro depoimento, há a seguinte compreensão:

Prostituição é a mulher transar por dinheiro. É essa a minha definição (...) A garota de programa é uma prostituta camuflada, não assumida. Tem muita estudante que eu conheço, inclusive a universitária, que transa (...) Quando não é por dinheiro, digamos, ela sempre pede alguma coisa: um presente, uma jóia, num sei o quê (Administrador de Empresas, 01/1996).

O pensamento moralizador rígido e as regras sociais e religiosas, que tem acompanhado a formação da família ocidental, atuou como fator fundamental na construção de um tipo de pensamento que interpreta como ato prostituinte, ainda hoje, a mulher solteira que tem vida sexual ativa e as separadas ou viúvas. A simples observação da não-virgindade, em mulheres solteiras, implica no imaginário de uma relação impura, profana e desafiadora dos mandamentos de Deus, conforme a doutrina católica.

Essa forma de pensar está arraigada ao princípio religioso que permite e reconhece como única função sexual aquela que privilegia a reprodução. Afora, isso, toda relação sexual que visa ao prazer está, portanto, mergulhada no pecado, na podridão, na lama, ou seja, tem seu fundamento na prostituição.

O discurso religioso é propenso a aceitar o depoimento de prostitutas que se dizem arrependidas de estar “naquela vida” e que só “entraram” por não ter outra forma de sobrevivência. Esse discurso retira todo o erotismo da atividade prostituinte dessexualizando as práticas consideradas licenciosas.

O Arcebispo da Paraíba, Dom PIRES, fazendo a apresentação do livro ‘O grito de milhões de escravas, apresenta a seguinte definição para prostituição:

aliás, a prostituição não é só alugar o corpo, o sexo para sobreviver; há também o aluguel dos braços, da força de trabalho a que é forçado o operário. E há até o aluguel da própria dignidade quando alguém é forçado pelas circunstâncias a agir contra a própria consciência (1983:15).

Nessa definição percebe-se a ênfase na sobrevivência, dessexualizando o ato sexual e apresentando-o como um “sacrifício” realizado para sobreviver. Alegar dificuldades financeiras pode atenuar o peso do estigma e talvez mesmo criar uma certa legitimidade para o fato de prostituir-se (GASPAR, 1985:95). Além disso, o Arcebispo procura ampliar a definição quando a apresenta como o aluguel dos braços da força de trabalho e a venda da consciência. Essa comparação extrapola o discurso religioso encontrando eco nos movimentos de trabalhadores (política salarial prostituída) e no discurso político de oposição (prostituição da política). A comparabilidade, nesse sentido, refere-se às sujeiras, ao ato fisiológico do político ao vender-se ou trocar “favores” em seu benefício próprio e comprar as consciências na barganha por votos.

Apesar de Sabrina haver afirmado que esteve na prostituição por falta de opção e necessidade de sobrevivência, ela, que vivenciou esse mundo, diz que não é só a necessidade financeira que leva as mulheres à prostituição:

É por isso que eu digo: ninguém conhece a prostituição só porque chegam lá. Todo mundo pensa que é só precisão. As pessoas se enganam. Não é. É por tudo. A prostituição começa por tudo: por curtição, por falta de liberdade, por falta de opção, por falta de dinheiro. Então, se você fizer um ‘chek-up’, aí você vai ver o que é a prostituição porque ninguém, talvez soube passar isso ainda. Eu sei porque eu vi e revivi, vivi bem vivido porque eu prestei atenção a cada momento na prostituição. Eu não ‘dormi’ na prostituição (Ex-prostituta, 05/1996).

Ao fazer essa afirmação, Sabrina cita alguns tipos de prostituta que ela conheceu durante os dez anos em que viveu na prostituição:

Você me perguntou se havia prostituição por querer ou por precisão, por necessidade. Existe. Existe vários tipos de prostitutas que eu acho que ninguém disse isso pra você. Existe a prostituta pra se drogar, existe a que se droga pra se prostituir, olha as diferenças, existe a prostituta por precisão, porque tem que ter, existe a prostituta por precisão e curtição e existe a prostituta só por curtição, existe a prostituta por curiosidade e fica lá porque gostou e viu e aprovou

e existe aquela prostituta que já foi prostituta por um dia e que desaprovou totalmente e que nunca mais eu vi (Ex-prostituta, 05/1996).

Nas leituras que a Igreja Católica faz sobre a prostituição, o que se observa é a ênfase de um paradigma de prostituta como 'tipo ideal' para desenvolver o raciocínio baseado no pecado, na impureza, na devassidão, na podridão... Esse tipo é o que Sabrina chama de prostituta por precisão. É o que se vê a seguir.

Na apresentação do livro *O Grito de milhões de escravas*, ao falar da metodologia utilizada, o Movimento de Libertação da Mulher, diz: *Talvez o leitor estranhe não encontrar o testemunho de uma prostituta "feliz". É simplesmente porque não apareceu nenhum! Aliás, isto se verifica na prática: não existe uma prostituição "legal", apesar das aparências. Só para os aproveitadores!* (1983:19).

O Bispo de Crateús, FRAGOSO, corrobora esse pensamento quando afirma: A prostituição é um pecado extremamente grave: *blasfêmia contra o coração de Deus. Nenhum cristão, que quiser ser fiel ao seu Deus, pode aceitar a prostituição* (Op. cit., 90).

A tônica que é desenvolvida nesse livro é a da mulher prostituta arrependida. Logicamente, não se poderá encontrar um discurso de ufanismo relacionado à prostituição, principalmente quando a ideologia predominante impede o aprofundamento da questão. Mesmo observando-se esse possíveis e "encontráveis" discursos de felicidade na prostituição, eles serão considerados "anormais", minorias e, quando muito, serão dignos de um estudo médico que buscará evidências de doenças mentais ou algum correlato.

GASPAR também encontrou prostitutas que "curtiam" ser prostitutas. E não era apenas uma dúzia.

Muitas delas consideravam de fato um "enorme barato", como Luísa qualificava, freqüentar a noite, os bares e boates, estar entre indivíduos que podiam presentear-las (sic) e lhes possibilitar a entrada em lugares antes inacessíveis (como o baile do Havai num conhecido clube carioca). Segundo Jane, "não é só dinheiro, é também o social da coisa. Ir ao Hipopotamus, ao Regine's, jantar em bons lugares, conhecer pessoas famosas. Todo esse mundo maravilhoso (1985:94).

Não é pretensão desse estudo querer fazer apologia da prostituição ou dizer que todas estão felizes onde estão e nas condições em que se encontram. Ou que puderam optar livremente pela vida como prostitutas. No entanto, não se pode querer abordar um estudo sobre prostituição desprezando aspectos que podem parecer exóticos, pecaminosos ou imorais, para uns, com base na defesa intransigente da visão católica disseminada por toda a sociedade. Bem assim, não é pretensão dar prosseguimento ao discurso de que as pobres Madalenas estão esperando que um "salvador as tire da lama". GASPAR complementa seu pensamento, nesse sentido:

Se existem as 'vítimas', há também as garotas que resolveram, de forma deliberada, se dedicar à prostituição por não estarem satisfeitas com o padrão de vida que poderiam ter através da profissão que exerciam. Devidos aos seus dotes físicos, principal exigência na prostituição, essas mulheres podem obter rendimento muito superior ao da antiga ocupação. Segundo Tânia, a opção de prostituir-se pode ter origem no fato de a mulher gostar do tipo de vida que a atividade não só permite mas obriga a levar (Op. cit., 94).

A prostituição, diz ADLER, não é

pois um destino, ao contrário do que pensam alguns romancistas. Tampouco constitui uma tara hereditária, como afirmam os criminologistas. Aparece menos ainda como um vício, uma doença mortal, conforme gostaria de fazer crer um bom número de moralistas. Mas, no fundo, o que é prostituição? A questão é tão espinhosa que as tentativas para defini-las serão múltiplas e, algumas vezes, contraditórias (1991:13).

Portanto, a tese do "mal necessário" como expediente para conter a libido e garantir a ordem social não pode ser entendida apenas como uma forma de satisfação das necessidades sexuais, tanto dos clientes quanto das prostitutas; por outro lado, não pode ser vista tão somente como uma questão de sobrevivência ou de uma forma de se conseguir uma rápida ascensão social das mulheres prostituídas. Há uma conjunção de múltiplos fatores como a mobilidade social e a sociabilidade, de tal forma que é im-

possível atrelar-se a um modelo rígido, estático e a-histórico que se baseia nos moldes tradicionais de definição da prostituição. ADLER consegue, portanto, dar uma definição mais realista do que seja a prostituta quando diz que:

A prostituta é uma pessoa que, por obrigação ou por inclinação, abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente. Abandona o lar paterno porque foi encorajada a isso ou porque acredita numa liberdade ilusória. Larga a oficina ou o trabalho doméstico e, frente às necessidades, deixa-se envolver por um vizinho, um passante, um taberneiro, um jovem esperto, um dançarino famoso, uma amiga alcoólatra que a leva a um café. Também existem pais mal-intencionados, mães que querem ganhar dinheiro com a carne de sua própria carne, amantes atrevidos e pouco ciumentos que querem garantir o seu fim de mês (ADLER, 1991:11).

Um exemplo da variedade de conceitos e formas de se “estar” na prostituição, é o caso noticiado no jornal O Povo, e que traz como título ‘Recém-casado obrigava esposa a prostituir-se por U\$ 60,00’, serve para ilustrar o fato que ADLER referiu acima. Um egípcio recém-casado, em lua de mel em Chipre, obrigou a esposa a receber em uma semana, 60 homens ganhando com isso, cerca de 3 mil dólares. A jovem de 17 anos, fugiu do hotel de Nicósia, onde seu marido a entregava a quem pagasse mais, desde o dia em que chegaram à ilha (25.05.1996).

Há casos em que a esposa se prostitui e tem total apoio do marido; outras têm o apoio da família; outras, ainda, do namorado; algumas, a família, o marido ou namorado não sabem de sua condição de prostitutas, bastando para justificar a sua remuneração, dizer que trabalha em uma loja, estacionamento, cine... De qualquer forma, basta que haja um acordo, sutil, mas verdadeiro e hipócrita, que escamoteia a origem do dinheiro. É como CASTRO diz:

Um acordo teatral que impeça o reconhecimento das boas e esforçadas mães, dignísimas esposas assexualizadas que do sexo vêm as benesses. O texto passa a ser um “eu sei que sei, mas finjo que não sei” e um “eu sei que você sabe, mas finjo que não sabe - finjo também que também eu não sei que você sabe (1993:172).

CASTRO, define a prostituta não como

uma mulher que exerce sua atividade para manter-se no limiar de sobrevivência miserável a que estão sujeitas outras mulheres do meio popular; se assim fosse teria permanecido em outros empregos ocupados antes da prostituição. E tampouco exerce sua atividade exclusivamente para a própria sobrevivência, mas fundamentalmente para a sobrevivência de todo o seu grupo familiar, ampliado, se comparado com as características nucleares da família urbana. (1993:171).

A partir dessas duas características - superação da condição comum de miséria e o sustento do grupo familiar -, pode-se compreender que a prostituição não se opõe à estrutura familiar, pelo contrário, a mantém, conseguindo ainda fazer com que o grupo familiar permaneça agregado não se sujeitando à dispersão condicionada que o processo urbano-industrial das sociedades contemporâneas impõe.

Essa agregação é sustentada pela mulher-prostituta, conforme sugere CASTRO, como o “chefe da casa”, uma construção híbrida de maternidade-paternidade, ocupando simultaneamente os lugares masculino-feminino na estrutura familiar (Op. cit., 171),.

Ao manter o grupo familiar coeso suprindo as suas necessidades, a prostituta se permite realizar muitos dos seus projetos que não poderia sequer pensar, se se mantivesse nos empregos pelos quais passou antes, ou não.

Aí não consegui fazer sexo anal, sem gostar do homem. Aí pronto, a primeira experiência eu não gostei e não teve quem fizesse mais eu fazer isso pelo dinheiro. Aí pronto, me viciiei no cabaré. Aí cheguei pra minha mãe e disse assim: “Mãe, eu arranjei um emprego no Centro. Mas é no estacionamento de botar carro. Jamais eu ia ter coragem de dizer pra ela que eu tava n’um cabaré, né? “Estacionamento de botar carro.” Só a parte da tarde. Porque a parte da manhã eu queria ficar com o meu filho. Aí era só a parte da tarde. Todo dia eu saía como se fosse pra trabalhar; aí chegava aquele horário, não bebia (Ex-prostituta, 02/1996).

Lúcia foi prostituta durante mais de anos, mas nunca seus familiares souberam de sua condi-

ção, ou preferiram não saber ou fingir que não sabem sob pena de terem que expulsar a filha de casa e perder assim, a ajuda financeira que é essencial para a sobrevivência dos pais já idosos. Esse é o tipo de relação à qual CASTRO, se referiu, ou seja, eu sei que sei, mas finjo que não sei e um eu sei que você sabe, mas finjo que não sabe - finjo também que também eu não sei que você sabe (1993:172).

Outro exemplo é o de Marta, cujos pais moram no interior e desconfiavam da forma como ela sobrevivia e mandava dinheiro para a família. No entanto, o silêncio sobre o assunto ajudava-os a viver sem conflitos, principalmente ante as dificuldades financeiras que enfrentavam. Em entrevista a ILNAR DE SOUSA, Marta disse que:

Meus pais desconfiavam, podiam até saber, mas nunca falaram nesse assunto comigo abertamente e eu também não falava pois sabia que era uma coisa que chocaria a eles. Eles são pessoas do interior e não tinham cabeça para isso. No interior o preconceito é ainda muito maior que na cidade e não tinha como falar. Mas eles sabiam sim (O POVO, 1996:6).

Mas, o que elas têm afinal? Perguntam-se entre queixas e curiosidades. ADLER responde

O que elas têm a mais do que nós? Têm muito mais que vocês, respondem os homens. Têm a beleza picante, a arte da réplica perfeita, o olhar perturbador, o sentido da despesa, o gosto pela noite, a carne palpitante, o riso fácil, a ciência do abandono (1991:30).

No âmbito simbólico e no imaginário social, as prostitutas representam tudo o que uma esposa e mãe não poderia eventualmente ser: sensual, despudorada, misteriosa, sem dono, livre para o sexo. Esses atributos seduzem e atraem os frequentadores de prostíbulos, principalmente por ocorrer uma inversão no ato da sedução - as mulheres é que tomam a iniciativa da aproximação, da “paquera” e da sedução. Há uma mudança, embora simbólica, dos papéis e das determinações sociais das categorias homem/mulher, que fascina e amedronta os clientes, ao mesmo tempo.

Além disso, elas atribuem a si mesmas uma função peculiar, característica, aliás, que a maioria das mulheres esposas/mães perdem, no cotidiano da *relação familiar: a mulher que escuta e não reprime, que não grita, não censura e não exige/cobra o papel*

e o lugar social do homem, marido e pai. Conforme elas mesmas nomearam, essa é a função de “psicólogos do amor” (1996, Manchete).

É, mas as pessoas me procuravam mais assim porque, normalmente, as mulheres, quando os homens chegam nos prostíbulos, elas já sentam, no máximo tomam uma cerveja e já quer ir logo pra cama pra ela poder fazer outro (“programa”) entendeu? Então, eu fazia o quê? Eu sentava, tomava 2, 3, 4, 5 pra poder ir fazer o meu “programa”. Quer dizer, eu satisfazia o meu cliente de ambos os lados: sexualmente e né, conversava um papo e tudo mais. Então, eles me procuravam justamente por isso (Ex-prostituta, 02/1996).

Sabrina confirma o que Carla, companheira de “batalha”, disse quando afirmou que os homens não só buscavam sexo ou um sexo diferente do que eles costumam ter com as esposas em casa.

(...) Muitas vezes eles vinham atrás de mim e muitos deles sabiam que eu não “esquentava” mesmo eles na cama porque eu era sempre aquela pessoa. Aí as meninas: ‘Ei, cobrou o que é deles?’ Porque eu não podia, porque na cama eu era uma ‘geladeira’, como eles me chamavam. Cobrar o dinheiro que eles me davam? Eu não. Aí muitas vezes eles vão pra ficar, muitas vezes eles ficavam com aquela, mas de outra vez não ficava. Eu sei que durante os dez anos que passei na prostituição, não é querendo dizer assim: ‘Fui uma mulher gostosa’. Fui não. Pelo contrário, eu fui muito desgostosa. Você sabe aquela galinha assim de granja cozinhada no sal? Eu fui uma, eu tenho certeza. Eu não fui aquela mulher de “esquentar”. Mas eles continuaram os dez anos, não todos eles, mas muitos deles continuaram os dez anos comigo (Ex-prostituta, 05/1996).

ADLER complementa os motivos pelos quais os clientes de prostitutas procuram os bordéis:

Com elas, os homens têm vontade de passar a noite. Não apenas para fazer amor, mas também para aproveitar aqueles intermináveis jantares tão alegres, aquelas conversas desenfreadas, a atmosfera ali existente, feita de alegria, de turbulência, de gratuidade (1991:30).

Foram seis anos de prostituição quando Carla mais “curtiu” do que “fez comércio” com os homens que vivem a noite dos prostíbulos. Sua irmã permaneceu menos tempo, quatro anos. Também divertia-se, mas preocupava-se mais com a necessidade financeira.

Mas eu era assim mesmo. Eu gosto. O tempo que eu passei, de sentar e bater papo era o meu ‘hobby’, era o preferido. Era muito melhor sentar e bater papo. Agora, por exemplo, se eu fizesse um programa hoje, já dava pra suprir a minha necessidade, amanhã eu já podia brincar, já podia sentar, conversar e esquecer (02/1996).

Carla “construiu” fama. Era conhecida por ser uma prostituta que não se preocupava se a noite seria proveitosa no sentido financeiro. Era uma mulher que curti a noite com os amigos do prostíbulo. Saíam para churrascarias e passavam a noite bebendo e comendo. No dia seguinte estava sem dinheiro mas satisfeita por se haver divertido, aproveitado a noite passada.

A fama de ser prostituta por gostar e não somente em decorrência da necessidade financeira, fez com que essa diferenciação explícita, já na época, incomodasse os que não admitiam, de forma alguma, que uma mulher pudesse se prostituir por prazer. É nesse sentido que LINS questiona:

É possível, então tratar a Diferença, tratar o intratável? Para alguns, só existe um método: tratar a Diferença é compreendê-la como Diverso, inserindo-a, finalmente, na modernidade, isentando-a do imaginário da Diferença para encontrar o diverso da própria Diferença (1995:13).

É preciso, pois, entender que o fenômeno da prostituição não pode ser analisado de forma generalizada como se tratando de algo homogêneo e claro aos olhos de quem quiser ver. Há prostitutas e prostitutas. As nuances existem, não de forma clara, tangível, transparente. Mas, a convivência, o trabalho de campo e o posterior “estranhamento” e afastamento do fenômeno da prostituição fez com que, aos poucos, fossem desanuviando-se os meandros do mundo da prostituição, ou seja, essa diversidade que é a própria diferença no mundo da prostituta. Cada prostituta é um caso diferente, uma vida e uma história com a alteridade, mais que guarda suas singularidades. LINS, a esse respeito, diz que

Querer retirar da mulher, em nome de sua ‘fragilidade’, de seu estatuto de ‘explorada’, a possibilidade de viver seus fantasmas e fantasias, o direito à perversão, é uma maneira de fazer dela uma ‘diferença’, exilando-a no espaço da exclusão. Construção masculina, por excelência, a dominação do homem sobre a mulher, toma também a aparência de “preocupação social”, maneira para ele de coabitar com sua consciência infeliz (O POVO, 02/1996).

LAURY, ex-prostituta francesa, fundadora do “S.O.S. Prostitutas”, em Paris, ao responder por que os homens procuram prostitutas afirma o seguinte:

Porque uma mulher - a mulher deles - os tacharia de loucos. É bem provável. Entretanto, no meio desses homens, raros são aqueles cuja “perversidade” atinge um grau de loucura. Mas a nossa sociedade está longe de se ver livre de tabus milenares. Aprendemos que há “coisas” que se devem fazer e outras não. É assim que muitos casais se separam, porque o homem e a mulher não ousariam abandonar-se numa total comunhão carnal. A liberalização dos costumes só chegou aos seus primeiros balbucios. Entretanto, quando conseguirmos tirar todas as interdições que mantêm os casais e os aprisionam numa sexualidade de “bom tom”, mas medíocre e insuficiente, certos homens, então, não precisarão mais de “suplente” na pessoa das prostitutas, e suas mulheres não serão mais frustradas por esse desabrochamento sexual que também faz parte da vida delas (1983:135).

O entendimento de LAURY sobre o fenômeno da prostituição não é outro senão o que se comenta no patamar do senso comum, colocando mais uma reponsabilidade/representação para a mulher que é a de ser “boa de cama”, como as prostitutas o são, para prender seus homens! Às mulheres cabem o poder e o dever de impedir o homem de tornar-se um freguês de prostituta, conclui (Id. Ibid).

No discurso de LAURY não cabe o conceito de fantasias sexuais. Na verdade, ele inexistente, “retirando” da mulher a sexualidade, muito embora ela defenda uma espécie de sexualidade que não seja aquela de “bom tom”, (...) *medíocre e insuficiente (...)* de

forma que, certos homens, então, não precisarão mais de "suplente" na pessoa das prostitutas, e suas mulheres não serão mais frustradas por esse desabrochamento sexual que também faz parte da vida delas (Idem).

É importante esclarecer que não advogo a entrada de mulheres na prostituição como forma de satisfazer-se sexualmente. Pelo contrário, penso estar esclarecendo que a análise da prostituição não pode nem deve pautar-se básica e unicamente na sobrevivência ou por falta de opção. Principalmente quando faço referência a um tipo de prostituição: de prostíbulos ou de bordel, enfim, onde a mulher vai se prostituir no dia e hora em que lhe convier e se lhe convier. Esse tipo de prostituição é uma opção, dentre outras, que se coloca. Se o caminho escolhido foi o de prostituir-se, a análise deve ser feita levando em consideração inúmeros fatores e não apenas o "ganho fácil e rápido". Não estariam aqui, de forma escamoteada, o prazer e os fantasmas de cada indivíduo?

Nesse sentido, outras representações sobre a prostituta vão-se delineando, pois uma das fantasias mais desejadas da mulher que vivencia sua sexualidade é ser considerada uma "mulher boa de cama". Ser "boa de cama" significa "segurar um homem pela cama" e não mais somente - como na época de nossas mães quando vivenciavam o auge do início de seus casamentos e suas primeiras relações sexuais -, "segurar o homem pelo estômago", com suas culinárias afrodisíacas pelo que esperavam satisfazer seus homens em casa e saciá-los a ponto de eles não necessitarem "comer fora de casa" ou quererem "variar o prato", ou ainda, derrubar o dito segundo o qual "cavalo peado também come" e tantos outros aforismos da fértil imaginação popular.

E, quando uma mulher se prostitui, espera-se que ela seja "boa de cama" o suficiente para atrair os homens, além de se imaginar, também, que ela seja uma mulher insaciável e, por isso mesmo, necessitar prostituir-se e aplacar sua sede.

Carla acoplou, à primeira fama, uma outra: a de ser "boa de cama". 'Ser boa de cama' é uma característica que certamente deveria acompanhar todas as prostitutas, vez que, se os homens as procuram é porque elas, segundo o imaginário popular, satisfazem suas necessidades sexuais e "fazem de tudo".

"Fazer de tudo" significa "topar" todas as variações sexuais que os homens possam sugerir a uma mulher e, que segundo eles, as esposas/amanhas/namoradas, supõe-se, não aceitariam fazer para satisfazer as necessidades sexuais do seu homem.

"Satisfazer as necessidades sexuais" é uma expressão arraigada de símbolos e representações. As representações que permeiam as "necessidades sexuais" são observadas no cotidiano, exclusivamente do homem, quando se percebe uma grande gama de justificativas para comportamentos considerados exclusiva e originalmente concebidos para confirmar a virilidade e o poder.

No entanto, sabe-se que há uma grande diferença entre o "falar" e o "fazer", ou seja, entre o expressar uma necessidade permanente por sexo e a "real" necessidade que leva os homens a procurar prostitutas. Essas imagens, construídas para reforçar o 'mito da masculinidade', com o passar do tempo, transformam-se em verdades do tipo "desde que o mundo é mundo que as coisas são assim"!

LANE, ao referir-se ao conceito de representação social, reafirma a relação de distância entre atitude e verbalização, ou seja, esse conceito:

Tem a grande vantagem de definir um fato empírico inequívoco, que traz no seu bojo valores, afetos e concepções, tornando o conceito de atitude dispensável, pois este é sempre uma inferência a partir de verbalizações, de predisposições internas que mantêm relações tênues com comportamentos observados. É um conceito que vem confirmando o falar e o fazer como comportamentos muito diferentes (1993:63).

Não é gratuita a concepção segundo a qual quem tem necessidades sexuais a satisfazer, geralmente, é o homem, já que a mulher é impensada como ser desejante, mas apenas como reprodutor. As mulheres que poderiam pensar e sentir prazer sexual seriam classificadas como não pertencentes à ordem natural de significação e de representação do que venha a ser uma mulher de família e de respeito. CASTRO, percebeu, na singularidade do discurso de seu entrevistado, a forma como é construído esse paradigma:

Essencialmente masculino, este discurso não se restringe ao século passado. Em uma pesquisa realizada no ano de 1987 junto a homens entre 24 e 28 anos, de classe média alta da zona do Sul do Rio de Janeiro, solteiros, sobre a questão da virgindade feminina:

Acho que afetaria, é lógico, se eu soubesse que ela já tinha dado pra meio mundo, mas se ela deu pra um, dois, três e se foi feito com carinho,

amor e não pelo simples desejo, aí eu não vejo mal algum (advogado, 25 anos) (1993:174).

Essa estrutura de pensamento é facilmente encontrada não só no Sul e Sudeste e não somente nessa faixa de idade, mas permeando uma cultura que insiste em negar a sexualidade feminina. Nesse sentido, constrói-se uma taxonomia, uma espécie de moral quantificável, analisada em relação ao número de homens que se teve, o número de filhos de pais diferentes e o “grau de comercialização nas relações sexuais”(GOLDWASSER; 1989:36).

Penso ser este um tema que tem sido secularmente trabalhado mas que possui características de modernidade. A esse respeito, afirma LINS:

A entrada na modernidade supõe uma compreensão do homem como pura consciência o que nos leva a pensar - como Touraine - que a modernidade se opõe a essa concepção ao afirmar simultaneamente que “a natureza deve ser compreendida sem referência ao sujeito, e que o sujeito não é natureza, mas puramente consciência. Concretamente, essa dualidade fundamental entre a razão e o sujeito implica separação da vida pública e da vida privada. Você vive num mundo moderno quando paralelamente ao seu papel social, você tem igualmente o direito ao seu imaginário, a sua vida sexual, às suas próprias opiniões. Ninguém chamará moderna uma sociedade maoísta na qual todos se mobilizam numa única e mesma direção (1995:13).

Por mais que se fale da condição feminina e de prostituição, sempre surgem assuntos a se discutir, com novas ou velhas roupagens, recentes ou antigos conceitos. Mas, imagino que sempre há algo novo a ser acrescentado, mesmo que dito de formas e em contextos distintos.

Essa também é a forma de pensar de CHALEIL, que busca um l'étranger regard au regard étranger:

La prostituée est au cœur de la sexualité humaine, à la façon d'un univers parasite ou déviant. Personnage au carrefour du libidinal et du pathologique, mais aussi du social et du politique, elle procède de tous les champs, de toutes les curiosités. Toutefois si, en tant qu'être social, la prostituée appartient à l'Histoire et se confond avec elle, il ne faut

pas imaginer qu'elle a toujours existé ou qu'elle a existé telle que nous la connaissons aujourd'hui. Miroir de société, elle reproduit les valeurs et les 'contradictions' de l'époque et du système qui la secrètent. Si son itinéraire, son évolution renvoient aux sciences humaines, la prostituée, comme individu - tout à la fois unique et aliéné, c'est-à-dire interchangeable, indéfiniment. (1971:16).

Foi nesse sentido que observei, dentro dessa vivência ímpar, o delineamento as funções da prostituta em nossa sociedade, pois, a prostituta (e o seu cliente), assim, é e está, ao mesmo tempo incluída e excluída no corpo social, posto que presente, mas oculta (CASTRO, 1993:185).

Essas funções, ditas socializadoras e exercidas por prostitutas, são de fundamental importância já no imaginário social, muitas vezes confundidas ao se pensar que prostituta só “faz sexo”. Creio que esse aspecto da prostituição surge de maneira fluida por todo este trabalho, principalmente ao afirmar que a prostituição não é uma atividade exercida visando única e basicamente à sobrevivência e à complementação salarial. LINS mencionando KRISTEVA, acrescenta uma outra leitura a essa “verdade” cristalizada na necessidade sexual quando afirma que,

Mesmo se, como observa Kristeva, nenhuma teoria biológica moderna confirma a existência de “diferenças profundas, químicas, celulares ou outras, entre as nações e as raças”, uma questão importante subsiste: “a atração ou a repulsão que são na verdade de ordem sexual. Isso não quer dizer que “só uma educação sexual salvará o sujeito do ódio” e da recusa da Diferença. Todavia, conclui Kristeva, “se existe uma salvação, ela deverá ser procurada na noite obscura dos particularismos onde cada um se defronta, bem ou mal; e isso, antes mesmo de encontrar seu “próximo”, com seus próprios demônios.” - com seus “objetos parciais”, seus fetiches, suas náuseas, seus ideais tirânicos (1995:15).

Quando RAGO se refere às funções que as prostitutas exerceram ou ainda exercem, chama atenção para o aspecto positivo da prostituição que, na maioria dos estudos, não é expresso, sob pena de serem má interpretação.

Condenada e aceita ao mesmo tempo, a prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser apreendidas se escaparmos aos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade. Ao agrupar os indivíduos através de redes subterrâneas de convivência e solidariedade, apresentava-se como um território que viabilizava a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão (1991:168).

Essa positividade da prostituição é representada pelas:

Práticas licenciosas que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras e jogos que ocorriam nos cabarés e “pensões alegres” da cidade confirmavam um espaço importante de interações sociais (Id. Ibid.).

Porque, muitas vezes, se esquece que tipos de homens procuram essas mulheres e o que querem delas. É bom lembrar que esses homens podem ser nossos pais, irmãos, maridos, filhos, primos... (ILNAR DE SOUSA, O POVO, 02/1996).

A positividade a que RAGO se refere, não somente se arrima nos aspectos de sociabilidade do indivíduo, mas também quando se passa a entender o prostíbulo não apenas como:

(...) lugar de “descarga libidinal” ou de alívio das tensões sexuais, como afirmavam os médicos do período, isto é, segundo a “lógica do negativo”, na expressão de Deleuze. Certamente a representação do desejo como energia caótica e em estado bruto implica a construção imaginária do mundo do prazer como campo noturno da desordem das paixões e da erupção de forças animais e satânicas, contrárias ao princípio da civilização (1991:168).

Assim, LINS contribui de maneira significativa para o entendimento dessa relação do direito de viver à diferença.

Mas, ao renunciar ao discurso do “Direito à Diferença”, abre-se mão, simultaneamente, de um lugar que poderia constituir, de fato, um espaço privilegiado. Resta saber, com efeito, quem fala? De onde fala? Para quem se fala? Quem é o diferente de quem? - Nós, ou elas,

prostitutas? - O culto exacerbado da Diferença pode condenar o ator à sua história, levando-o a fazer de sua Diferença uma prisão, uma fatalidade, um destino (1995:13).

É fundamental ter essa compreensão para que se possa entender e abrir espaços para esse tipo de leitura e de análise, não só da prostituição, mas de qualquer outro fenômeno onde se pode perceber o diverso que teima em afluir à superfície, mas que encontra barreiras nas formas pré-concebidas e pré-conceituosas de se ler o “real”, pois é importante salientar que o imaginário social, tal como o entendemos, é mais real do que o “real” (Marx apud CASTORIADIS, 1982:170).

Continuando, LINS chama atenção para o fato de que,

ao “proteger” a Diferença, termina-se - na melhor hipótese - por possuí-la e na pior por se deixar possuir por ela numa identificação kármica, fatalista:

“Não escolhi ser deficiente físico!”

“Ninguém nasce homossexual porque quer”!

“Deus me fez como sou: pobre e negro”!

“Foi o destino que fez de mim o que eu sou!” (Lampião) (1995:13).

Sabrina representa o exemplo da mulher que quis se proteger dessa diferença. Quando criança, abandonada pelo pai e tendo que sobreviver com vários irmãos menores, sua mãe costurava para prostitutas, enquanto ela fazia a intermediação entre as prostitutas com sua mãe, levando as roupas e indo receber o pagamento nos prostíbulos. Em razão dessa proximidade, ainda criança, foi estigmatizada e discriminada na cidade onde morava, Quixeramobim, interior do Ceará, a ponto de precisar mudar-se para outro lugar.

Ao se transferir, conheceu um rapaz que se apaixonou por ela e quis casar. Ele, passou a ajudar a família de Sabrina e um dia ela se “entregou”, como forma de agradecimento e pagamento por tudo o que havia feito por ela e a família; em seguida fugiu, por achar que não iria fazer o rapaz feliz, pois ela não havia sido preparada para o casamento já que sua mãe não lhe ensinou a ser dona de casa e esposa. A partir daí, passou a ter certeza de que um dia seria prostituta: pela convivência, desde a infância, com prostitutas e por não mais ser “virgem”.

Porque eu tenho assim uns negócio assim que me diz, eu digo assim: “Se nós praticar isso

- eu disse pra ele - eu vou ser prostituta." Ele disse: "Por quê?" Eu digo: "Eu não sei. Eu não sei por que eu penso assim. Não é porque eu achei bonito lá em Quixeramobim, não é isso. É porque eu acho que eu vou viver..." Eu perguntei a ele se ele acreditava em destino, tá entendendo? Eu digo: "Eu acho que é o destino me levando, eu não sei." Ele disse: "Não, vai não. A gente vai casar." Mas só comigo eu dizia assim, só lá dentro de mim: "Se ele souber que é eu que não quero casar?" A intenção dele era boa comigo, sabe, Inar? Aí eu fugi de manhã, chegando aqui em Fortaleza" (Ex-prostituta, 05.1996).

As funções que a prostituta passou a desempenhar foram surgindo mediante essas construções de um lendário sexo em estado caótico e selvagem que necessitava de um espaço para ser domesticado. A partir daí, essas funções foram esboçando e concretizando. Sabrina fala da importância da prostituição tendo como referência 10 anos de experiência.

A prostituição, as vezes eu digo assim, se vem a prostituição desde o começo do mundo... Eu tô falando agora, no meu [lado] espiritual. Se não fosse a prostituição o aumento do estupro seria maior. Só que nós temos que ter a prostituição certa. Não apoiar a prostituição de menor. Por exemplo, tem a prostituição pra receber esse tipo de coisa, o aleijado que eu recebi, o aleijado que ninguém queria receber. Você tem que levar uma coisa que seja autêntica, porque tem muita gente que odeia a prostituição e quem discrimina vai passar a dizer: 'Não, ela é séria também'. Olha, porque tem o paraplético, tem o muito feio, tem o muito fedorento, vai ter o muito mau também que todo mundo vai correr com medo. Mas vai ter sempre uma pra segurar as pontas (Ex-prostituta, 05/1996).

Nesse sentido, é que abordo a temática da função social da prostituta, quando a partir das histórias ocorridas nos prostíbulos e dos relatos se pode perceber a existência de funções para o atendimento de demandas que não se restringem unicamente às fantasias sexuais, pois,

o contexto é um aspecto fundamental da pesquisa, seja porque as representações são campos estruturados pelo habitus e pelos

conteúdos históricos que impregnam o imaginário social, seja porque são estruturas estruturantes desse contexto e, como tal, motores da mudança social (SPINK, 1993:9).

A partir dessas vivências relatadas pode-se perceber se delineando algumas das funções da prostituta. Dessas funções, muitas persistem, outras surgem, de acordo com as "leis da oferta do mercado", ou seja, nascem novas prestações de serviços conforme a necessidade de demanda.

O importante a ressaltar nessas funções é a perspectiva de perpetuação de um comportamento social/sexual considerado como desviante, "anormal" e portanto diferente. Esse fato fornece muitos subsídios para 'pesquisadores' famintos por deslindar o mistério da prostituição e por fim a um comportamento considerado perigoso. LINS, chama a atenção para os possíveis "tratamentos" ou metodologias da Diferença, apontando a necessidade de um rigor para evitar soluções caricaturais ou infundadas.

Nesse contexto, como não pensar, uma vez mais, em Hassoun ao afirmar que a única metodologia possível para tratar a Diferença seria "se curar da Diferença". A Diferença enquanto lugar de exclusão e de negação do Diverso, do nomadismo, poderá e tem levado alguns a propor a "cura da Diferença" através de uma pedagogia, "do insulto ou da discriminação, ou então pela metralhadora ou pela câmara de gás", conclui Hassoun (1995:16).

As funções descritas a seguir foram obtidas de autores que trabalharam com o tema, como também observadas no cotidiano dos prostíbulos visitados; outras foram detectadas através de entrevistas. Mas o interessante é a modernidade dessas funções que se podia imaginar, no atual contexto, não mais existissem. Eis, então, a importância da prostituta quando procurada para:

- Socializar adolescentes, que, sem a cooperação da prostituta, teriam dificuldades para se iniciar nos misteres sexuais.

Pelo perfil do cliente da prostituta, esboçado no capítulo III, percebe-se que a segunda maior frequência de homens/clientes se encontra na faixa dos 18 aos 25 anos, ou seja, é um público praticamente iniciante e jovem; outro detalhe é que dos 9 (nove) indivíduos entrevistados, 4 (quatro) iniciaram-se com prostitutas.

Portanto, essa ainda é uma prática em vigor - alguns são levados a prostíbulos, outros são “atacados” na rua. Mas é importante registrar que essa não é uma regra geral, ou seja, nem todo adolescente é iniciado sexualmente por prostitutas.

- Aliviar as tensões sexuais dos solteiros, adolescentes, solteiros gamófobos, viúvos, desquitados, evitando neuroses oriundas de uma sexualidade reprimida - a presença dos viúvos e desquitados (4 e 5% - perfil do cliente) demonstra que eles também frequentam prostíbulos, com menor assiduidade que outro tipo de cliente; além dos solteiros que nunca casaram por vários motivos. Sabrina contou sua experiência com o vovô Carlos que a procurava uma vez por mês ao receber os proventos da aposentadoria .

- Assistir sexualmente os impotentes, que encontram na prostituta uma profissional que pode levá-lo ao orgasmo, mesmo sem ereção, através de outras excitações eróticas, como o sexo oral e brincadeiras sexuais.

Muitas prostitutas recebem clientes que, por vários motivos, não mais têm ereção ou necessitam de muita paciência e estímulos que o levem a obter uma; ou a prostituta o estimula somente através do sexo oral e/ou “brincadeiras”. Geralmente, a esposa não é procurada ou não aceita essas “brincadeiras sexuais”, por uma série de motivos.

Um exemplo ilustraria esse fato. Sabrina recebeu um cliente que procurava uma prostituta “bem puta”¹ ..

Por ser um homem fiel à sua esposa, ele não poderia ter uma relação sexual considerada normal. Ficava apenas de cueca e pedia que sua acompanhante, nua, subisse em seus ombros e ele então desfilava, marchando, pelo quarto e tocando o “toque de alvorada” que geralmente é utilizado nos quartéis. Além disso, ele apenas abraçava e cheirava, não podia beijar e nem “penetrar” uma outra mulher que não a sua esposa.

Um fato interessante é que ele somente procurava prostitutas porque sua esposa, segundo ele, recusava-se a pintar os cabelos de louro - porque isso é coisa de quenga² -, só usava calças recusando-se a

usar calcinhas, não usava vestidos, somente calças e bermudões jeans.

- Aliviar a monotonia conjugal, com variação da estimulação erótica.

Conversei com alguns clientes os quais faziam questão de registrar que amavam demais suas esposas e que só estavam no prostíbulo naquela noite para se ‘divertir’ um pouco; outros não queriam dar entrevista ressaltando que também só andam nesses ambientes para “observar e escutar essas pobres mulheres aconselhando-as a sair dessa vida”; outros ainda afirmavam ser a primeira vez que entravam nesses ambientes, pois eram casados e só entraram para tomar uma cervejinha, e já estavam indo embora - meia hora depois encontrava-os em outros prostíbulos. Geralmente esses clientes buscam um sexo diferente do que estão acostumados a ter em casa.

- Substituir a esposa nas suas ausências e impedimentos, ocasionados por doença, hospitalização, viagem e outras situações. Muitas esposas reconhecem essas escapadelas conjugais, puramente sexuais, hedônicas, sem qualquer vínculo afetivo e, portanto, sem ameaça ao lar. Ou ainda, quando esposas loucas ou neuróticas, que se tornaram sexofóbicas, não permitem qualquer relação.

Essa afirmação parece haver saído de algum livro de ficção científica. Mas, por várias razões, encontra-se esse tipo de aversão sexual, que não é raro e traz implicações conjugais para a vida do casal.

- Assistir, não só sexualmente, os paralíticos, hemiplégicos, paraplégicos ou tetraplégicos, solteiros, e ainda os casados cujas esposas não mais aceitam o papel de “enfermeira sexual”.

Sabrina falou de uma experiência tida com um rapaz que se tornou parapléxico após um acidente e cuja esposa, não o mais suportando, separou-se; e, também, de um rapaz tetrapléxico que não podia sequer se masturbar e que nem as prostitutas aceitavam.

- Aliviar a “escravidão sexual” das esposas cujos maridos têm manias hiper-sexuais, ou seja, que queiram relações sexuais todo dia, e as vezes, mais de uma por dia.

Um exemplo relacionado a essa função pode ser esclarecedor. Um professor, frequentador diário

1 “Bem puta” para esse cliente significava uma prostituta que se encaixasse no perfil que ele imaginava que elas deveriam ter. Ser loura, andar com roupas provocantes, calcinhas pequen’ssimas, meias transparentes e ligas.

2 Quenga é o mesmo que puta, prostituta, “rapariga”, “fuampa” e outros designativos.

de prostíbulos, ao aposentar-se, passava o dia entrando e saindo do quarto com prostitutas

- Atuar como fator anti-homossexual, nos acampamentos e campanhas militares, garimpos ou onde haja aglomeração de homens. Dos 9 (nove) entrevistados, 2 (dois) mantiveram relações homossexuais, um, ainda menino; o outro, já depois de adulto. Em ambos os casos, os dois estavam plenamente conscientes do que faziam, porém, afirmam não mais querer saber desse tipo de relacionamento. Esse dado é importante, pois confirma a frequência com que ocorrem relações homossexuais com homens que dizem ter aversão a homossexuais. No entanto, quando crianças ou em um passado mais recente, essa experiência foi vivenciada e muitas vezes não dita.
- Aliviar os sexopatas de toda espécie, que não conseguem o desempenho sexual normal, e encontram somente na meretriz, através de variada e intensa estimulação erótica, que entra desde a felação até as brincadeiras sexuais, uma possibilidade de chegar ao orgasmo.

É ilustrativo o caso de um rapaz que a mãe enviava, com certa frequência, a uma casa de prostituição. O motorista ficava à porta da casa aguardando o seu retorno. O rapaz chegava, com luvas e segurando um envelope lacrado com o pagamento para o grupo de prostitutas que iria “brincar” com ele. A madame recebia a importância e providenciava álcool para que ele esterilizasse as mãos, pois o cliente se sentia mal ao tocar em dinheiro. As garotas, geralmente em número de três, iam para o quarto com ele somente de calcinha e soutien e ele, de cueca. Iniciavam, então, brincadeiras de bandido e mocinho, duas das garotas servindo de bandidos que o amarravam com cordas na cama após muita perseguição por todo o quarto, aos gritos de “pega, pega!” e “socorro, me ajudem!” Ele se contorcia todo, na cama, gritando por ajuda, quando a porta é então aberta abruptamente e entra o herói (a terceira garota) que vai salvá-lo. Nesse momento ele ejacula.

- Acompanhar homens que se encontram de passagem pela cidade, a negócios ou a passeios.

Nos tempos áureos de fama dos grandes prostíbulos de Fortaleza, como a Leila, da Parangaba, “705”, “90” e tantos outros, empresários e várias outras categorias, inclusive estrangeiros, “fechavam a casa” para serem atendidos com exclusividade.

- Escutar queixas e desabafos de clientes sobre seus problemas com a esposa, o trabalho e outras dificuldades, e aconselhá-los.

Muitas mulheres aceitam e são conhecidas por darem atenção especial sem se preocupar com a hora de “ir para o quarto”.

Essas são apenas algumas funções que a prostituta exerce para atender as necessidades sexuais de seus clientes. No entanto, existem outras variações e demandas por “programas” que podem ser combinados para realização em outros locais, com pagamento extra.

Um exemplo ocorreu com uma ex-prostituta que foi convidada para ir à residência de um casal, primeiro para manter relações sexuais com a esposa, e o marido observando; posteriormente com o marido e a esposa ficava observando.

Ou ainda, no caso citado, que aconteceu com Sabrina, do indivíduo que não podia trair a esposa mas que procurava uma mulher “bem prostituta”. Houve momentos em que ele a convidou para sair à noite. Os dois iam no carro dele para um local deserto e escuro, e dentro do carro, ele assumia a postura de um namorado que havia brigado com a namorada, de braços cruzados, sem olhá-la, e ela, sem saber o que estava acontecendo, ficava esperando o desfecho. De repente ele abraçava-a freneticamente, empurrava-a para fora do carro e continuava desesperadamente abraçando-a.

Esses fatos reforçam o que foi salientado: nem só de sexo vivem os prostíbulos ou cabarés. O ambiente é um convite à festa, à bebedeira, às conversas intermináveis e brincadeiras com os amigos de bar e as mulheres descomprometidas, à dança, às novas amizades. É como diz RAGO,

No interior desse campo de significações, é impossível apreender as múltiplas funções desempenhadas pelo submundo da prostituição, assim como a diversidade das práticas sociais aí vivenciadas. No entanto, diferentes formas de lazer, de diversão social, como o bate-papo, o contar piadas ou os conchavos políticos que se cruzam nas noites boêmias, em meio a ceias prolongadas e ao som de músicas animadas, obedeciam a todo um jogo codificado de trocas simbólicas e a um ritual de civilidade. Ao lado de encontros e articulações políticas entre os homens da elite, as práticas sexuais ilícitas, as aventuras

românticas e a circulação dos afetos configuravam a cidade do prazer e da festa. A cidade noturna vingava-se da cidade diurna do trabalho e da disciplina industrial (1991:168).

Esse clima de festa e de prazer permanente, de amizades fáceis é o que se percebe ainda hoje. Os prostíbulos, mais do que nunca, recebem visitas não só de clientes de prostitutas, mas também de curiosos - homens e mulheres que nunca entraram em ambientes de prostituição - que buscam satisfazer suas curiosidades e fantasias. Nesse clima de frenesi, os shows de sexo explícito, streap-tease, teatralização, bingo de mulheres, são os meios utilizados que visam a atrair não só os clientes, mas todo um público, consumidor, que forma opinião e divulga as ofertas da casa, além da prostituição.

São muito comuns, hoje em dia, festas e “faras” de grupos de amigos de trabalho, de escolas, de faculdades encerrarem ou festejarem alguma data comemorativa em um ambiente diferente. Sabedores dessa “nova onda”, que não é tão recente, os proprietários das casas investem para recebê-los e os clientes habituais não mais estranham os grupos que chegam em busca de novas emoções. Os locais mais procurados são os prostíbulos do centro, do Mucuripe e casas de shows da Praia de Iracema. Enfim, quase todos os bairros da Cidade, onde quer que se instalem, a garantia do público é certa.

O QUE É UMA MULHER “BOA DE CAMA”

As representações que as prostitutas têm de si, de forma dicotomizada, como “mulheres de respeito” e “mulheres sem respeito” é resultado dos paradigmas fortemente solidificados de controle social desenvolvido nas sociedades, principalmente as ocidentais.

CASTORIADIS, recuperando o conceito de reificação, em MARX, trabalha com a noção de imaginário social, que esclarece melhor essa situação:

Seja ainda esse fenômeno que Marx chamou de reificação, mais genericamente de “desumanização” dos indivíduos das classes exploradas em certas fases históricas: um escravo é visto como animal vocal, o operário como “parafuso de máquina” ou simples mercadoria. Pouco importa, aqui, que

esta assimilação não chegue jamais a se realizar totalmente, que a realidade humana dos escravos e dos operários a questione, etc. Qual é a natureza desta significação -, a qual, é preciso lembrar, longe de ser simplesmente conceito ou representação, é uma significação operante, com pesadas conseqüências históricas e sociais? Um escravo não é um animal, um operário não é uma coisa; mas a reificação não é nem uma falsa percepção do real, nem um erro lógico; e não podemos também fazer dela um “momento dialético” em uma história totalizada do advento da verdade da essência humana, onde esta se negaria radicalmente antes e a fim de poder realizar-se positivamente. A reificação é uma significação imaginária (inútil salientar que o imaginário social, tal como o entendemos, é mais real do que o “real”) (1982:170).

Nesse sentido, são reforçadas algumas representações sobre a prostituição, na maioria das vezes, pela falta de informação e de esterótipos criados em torno da imagem da prostituição.

Uma dessas representações refere-se ao fato de se supor que, ao se pagar uma prostituta para se ter sexo, ela fará aquilo que o cliente desejar. Primeiro, pelo simples fato de ela ser prostituta e, segundo, por estar sendo paga. No entanto, é importante registrar que a grande maioria das prostitutas fazem o que geralmente a esposa faz em casa com o marido - o conhecido “papai-mamãe”, ou seja, o sexo vaginal. No entanto, encontram-se prostitutas que se especializam em outras práticas tais como sexo oral, anal, grupal etc.

Outro dado que deve ser registrado como representação diz respeito ao fato de que, por ser prostituta, ela tem por obrigação receber a todos sem distinção, principalmente porque vai ser paga. Esse é um dado importante e que merece ser desmistificado. A prostituta, feita “mercadoria à venda”, só se vende se houver interesse da parte dela. É importante deixar claro a que tipo de prostituição me refiro: à prostituição de bordel, para onde as mulheres vão no dia em que assim o desejam.

Outra representação incorporada à figura da prostituta - mulher que lida diariamente com sexo e todas as suas variações, conhece vários homens e suas fantasias -, ser uma espécie de experta no assunto, quer dizer, aquela que domina, que é sabedora em tudo o que se refere a sexo e sexualidade e como

conquistar os homens. E, o que se percebe, é que há uma relação de informação equivocada ou mesmo de desinformação.

Não poderia deixar de falar também numa representação muito comum criada em torno do cliente, que é a do fingimento do prazer no ato sexual. Este prazer que é uma simulação através de gestos corporais, ampla e prontamente aceita pelo cliente, mesmo sabendo que se trata de uma representação. O que o cliente não suporta sentir é a total passividade e/ou falta de interesse demonstrada pela prostituta no ato sexual.

GOFFMAN, compara essa relação prostituta/cliente com a relação ator/platéia:

As platéias são motivadas a agir com jeito por uma identificação imediata com os atores pelo desejo de evitar uma cena ou para granjear o agrado dos atores com o propósito de exploração. Talvez esta última seja a explicação preferida. Algumas mundanas de rua bem sucedidas são, ao que parece, as que se dispõem a representar uma viva aprovação da encenação de seus clientes, demonstrando deste modo o triste fato dramático que as namoradas e as esposas não são as únicas pessoas de seu sexo que têm de se empenhar nas formas superiores de prostituição (1988:213).

Dessa forma, GOFFMAN explicita que as prostitutas sabem, de certa forma, que reação o cliente quer presenciar. Daí, para cada cliente uma encenação particular que o satisfaça.

O papel que as prostitutas diariamente representam para os seus clientes, no quarto, é representativo das fantasias que cada indivíduo espera acontecer sempre, pelo menos naquele momento de êxtase e delírio. O exemplo que GOFFMAN cita, junta-se a tantos outros referidos neste ensaio e que demonstra a busca incessante pela satisfação das fantasias.

Mary Lee diz que não atende melhor o Sr. Blakesee do que seus outros clientes ricos.

'Faço o que eu sei que eles querem, fingindo estar louca por eles. Às vezes agem como meninos brincando. O Sr. Blakesee sempre faz isso. Ele representa o homem das cavernas. Chega ao meu apartamento e me agarra nos braços, segurando-me até achar que tirou minha respiração. É uma coisa ridí-

cula. Depois que faz amor comigo, tenho de lhe dizer: "Querido, você me fez tão feliz que tenho vontade de chorar! Não se acreditaria que um homem adulto apreciaria fazer essas brincadeiras, mas ele gosta. Não somente ele. A maior parte dos ricos" (Op. cit., 213).

A partir dessas representações, surgem histórias nos prostíbulos, como a de Carla, considerada uma mulher "boa de cama" e que enfrentou momentos difíceis para garantir e reafirmar sua fama. É a própria Carla que conta a história.

É isso aí. Por causa dessa questão aí, entendeu, d'eu assistir melhor o cliente, d'eu me sentar e conversar e ir pra cama sem pressa e não fazer aquilo tudo sem satisfazer. A questão era satisfazer o cliente. Você deixou o cliente satisfeito, então pra ele isso aí... (Ex-prostituta, 02/1996).

A representação que cada indivíduo tem sobre a prostituição depende, na maioria das vezes, das próprias fantasias sobre como se pensa e se define a prostituição. Da mesma forma, cada prostituta pensa e exerce a prostituição de acordo com seus "fantasmas", ou seja, ela sabe quais são as regras do jogo, como cada uma deve agir; no entanto, ficam a critério de cada uma as questões relativas a ser profissional ou não. Dizendo de outra forma, uma prostituta pode entender o que é ser profissional, baseando-se em uma ou mais das atitudes seguintes:

- ir a um prostíbulo não para se divertir mas para "batalhar";
- fazer os "programas" o mais rápido possível para não perder tempo;
- procurar não se envolver com os clientes;
- permanecer lúcida para ser "racional";
- evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes;
- tratar todos os clientes da mesma forma, favorecendo a quem pagar mais;
- preocupar-se com o "fazer" e não o "prazer", dentro de um prostíbulo;
- ter cuidados com doenças sexuais e gravidez, dentre outras.

Já, outras, podem, em um misto de rebeldia e "necessidade", inverter a ordem das regras e colocar a satisfação das suas fantasias, em primeiro lugar e buscar:

- ir a um prostíbulo mais para se divertir do que para “batalhar”;
- fazer os “programas” de forma a não se preocupar com o tempo;
- envolver-se com os clientes;
- preocupar-se em divertir-se e não conseguir permanecer lúcida e “racional”;
- não conseguir evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes;
- favorecer a quem lhe agrada mais, dando tratamento diferenciado aos clientes;
- preocupar-se com o próprio “prazer”;
- ter cuidados com doenças sexuais e gravidez, e outras.

A fama criada em torno de Carla, de ser “boa de cama”, pode-se perceber que funcionou durante muito tempo como um fator de curiosidade e de atração, que na maioria das vezes exigia dela a representação freqüente do ‘tipo ideal’ de mulher construído e anunciado aos quatro cantos dos prostíbulos. Carla conta como foi arranjado um encontro dela com um homem também “bom de cama”.

Foi assim: devido eu já ser essa pessoa assim, né, eu já tinha adquirido essa fama de ser “boa de cama”, então tinha um rapaz (...) ele trabalha no IPPO ou é no Paulo Sarasate uma coisa assim. (...) nessa época eu tava fazendo “ponto” na Estelita³ no “705”. Isso aconteceu na Estelita. (...) Ele chamou o rapaz e disse: “Olha, eu vou te apresentar uma menina aqui que é muito ‘boa de cama’”. E uma das meninas já tinha me dito que ele é muito bom, entendeu? (...) Aí nós ficamos tomando cerveja, papo vai e papo vem, aí chegou a hora. Aquela velha história: conversa primeiro pra poder ir e não vai antes pra depois conversar. Fomos lá, pedimos um quarto lá e fomos lá pro quarto e tal, ele tomou banho, eu tomo banho. E aí vamos fazer o serviço e acabou que nem eu nem ele fizemos nada. As duas pessoas “boas de cama” não fizemos nada. E ele olhava pra minha cara e eu olhava pra dele. Aí eu fui e relatei pra ele: “Oh, eu tô aqui, eu tô sabendo que você é um homem ‘bom de cama’. E ele: “Eu tô sabendo a mesma coisa, que você é ‘boa de cama’. E a gente acabou mesmo ficando, ele me pagou o

“programa” mas ninguém chegou a fazer nada mesmo, sabe? E ficou essa história assim. (...) Eu digo: “Não, eu não vou contar pra ninguém não.” Aí ficou. (...) Eu digo: “Pois é. Então, ‘dois bicudos não se beijam’. E a gente saiu bons amigos, sabe, como dois irmãos, não fizemos nada mesmo, saímos e ficamos conversando” (Ex-prostituta, 02/1996).

A opção por preferir resguardar suas “famas” diante de um outro tão parecido, quase “igual”, embora de sexo oposto, foi mais forte que a própria curiosidade ou “tesão” de ambos, pois ficou comprovado que não se vai para um prostíbulo somente na expectativa de se ter sexo.

Em cima dessa história de quem é “boa de cama” aí entrou a questão de que o sexo não é aquela coisa de você fazer tudo, entendeu? Sexo é uma coisa espontânea, livre e que a gente pode satisfazer sem ‘meter em todos os buracos’, essa coisa toda (Ex-prostituta, 02/1996).

A insegurança de ambos, mas principalmente do homem/cliente entra em contradição com os modelos expostos anteriormente do tipo de que “homem não nega fogo”, “vestiu saia, fez xixi de cócoras e não é sapo, eu como”, parece imbricar-se em algo mais profundo do que somente querer resguardar uma “fama”, mesmo com todo o peso simbólico que ela possa conter. Parece que, conforme CASTRO, o phallus não pode circular (livremente) entre homens e mulheres. Tornou-se propriedade privada de homens temerosos (1993:175).

Não pode circular livre mesmo entre prostitutas - que não deixam de ser mulheres e, portanto, perigosas. Prossegue CASTRO:

A atualidade desta compreensão sobre a mulher revela que a construção masculina do feminino baseia-se em uma sexualidade a ser controlada e principalmente contida por pressões sociais (...) A assimetria entre os sexos terá que ser dita, explícita e institucionalizada para que a potência masculina seja afirmada. A ordem se mantém se seus símbolos se estratificam e se dispersam nas intenções do poder, (Op. cit., 174-175).

Outra representação muito significativa do que é ser prostituta e do que é um prostíbulo é o fato de se pensar que elas não possuem regras mo-

³ Antiga e conhecida casa de prostituição localizada na rua Liberato Barroso, detrás da Fiação Pompeu.

rais que norteiam suas condutas. Como destacado, além de existirem regras de comportamento profissional - como em todas as outras profissões "normais", ficando a critério de cada profissional segui-las ou não -, o meretrício, também, possui normas e regras morais. E isso pode muito bem ser observado na análise dos seus discursos. Em entrevista cedida a CASTRO, uma prostituta confirmou a existência dessas regras.

Tem uma diferença muito grande, as pessoas vivem no mundo. Agora puta, é aquela que canta teu marido que tá dentro de casa, essa daí tinha que ser falada, não essa que sai atrás do homem não (Op. cit., 175).

As regras chegam a ponto de delimitar que, uma vez escolhida por esse homem, nenhuma outra poderá tentar seduzi-lo. No entanto, como toda regra e norma são susceptíveis de não atendimento, muitas prostitutas "quebram" esses preceitos típicos e consuetudinários.

POR QUE SE TORNAR UMA MULHER DE VIDA FÁCIL

Carla, ex-prostituta, em entrevista realizada em fevereiro de 1996, falou sobre sua entrada no mundo da prostituição e as descobertas que a noite proporciona.

Menina de família pobre do interior, teve que vir para a cidade grande -, como geralmente se referem à Capital -, para buscar melhores condições de vida. De família numerosa, foram 13 filhos, Carla trabalhou como doméstica em Fortaleza, teve namorados, sua primeira experiência sexual, vindo a engravidar depois de tantos outros namoros.

Alguns dos seus irmãos também trabalhavam em Fortaleza. No entanto, por não terem como pagar aluguel, moravam, espalhados, em casa de parentes. A outra irmã, com um filho também recém-nascido, dividia a mesma residência. Ambas, na época, viveram a experiência de ser mães solteiras e, portanto, as únicas responsáveis pelos filhos.

Uma vizinha amiga, prostituta, vendo as duas venderem tudo o que possuíam para garantir a sobrevivência dos filhos e de ambas, convidou-as para conhecer a casa onde ela fazia programa. As irmãs passaram, então, a se "revezar na noite": uma ia fazer programa, enquanto a outra cuidava dos filhos;

na noite seguinte, havia uma troca de tarefas. Dessa forma, garantiram por muitos anos a sobrevivência não só dos filhos, como também de toda a família: irmãos, pais, parentes...

Algumas conseguem deixar a prostituição, não voltando por mais necessitadas que estejam por dinheiro. Outras estão somente à espera de um motivo, por mais simplório que seja, para retornar.

Na sua história de vida não há estupros, nunca foi obrigada a prostituir-se; ia aos prostíbulos quase toda noite e quando queria. Atualmente mora com a irmã.

Lúcia, nascida no interior do Maranhão, veio morar com a família em Fortaleza buscando melhoria de condição de vida. Iniciou no mercado de trabalho como doméstica. Ao iniciar-se sexualmente, engravidou do namorado e teve que assumir a responsabilidade pelo filho. Também foi levada por uma amiga para conhecer o "705".

Diferentemente do caso anterior, a família não sabe de sua condição de prostituta. Solteira, mora com os pais e colabora com a renda familiar.

Sabrina foi o nome de "batalha" que recebeu de uma amiga que a levou para a prostituição. Sabrina frequentou os melhores prostíbulos de Fortaleza. Depois que saiu da prostituição, trabalhou fazendo shows de streap-tease, dublagem e sexo explícito não mais se prostituindo.

Depois que a família soube que ela se prostituía para sobreviver, Sabrina não mais escondeu de ninguém sua condição de prostituta. Ainda hoje, assume, com muito orgulho, o fato de haver sido prostituta um dia.

O que se observa em comum nessas pequenas histórias é o fato de as três terem sido encaminhadas por amigas que já se prostituíam e que, vendo-as em um "beco sem saída", apontavam a prostituição como forma de resolver seus problemas mais imediatos.

Outro detalhe é o fato de elas nunca pensarem em um dia tornar-se prostitutas e nem haver mantido contato anterior com prostitutas, com exceção de Sabrina.

As três iniciaram-se na prostituição por falta de opção para sobreviver; as duas primeiras, Carla e Lúcia, anteriormente à prostituição, foram empregadas domésticas e preferiram prostituir-se a voltar a trabalhar como domésticas. Carla e Lúcia já tinham filhos quando foram se prostituir; Sabrina só os teve enquanto foi prostituta.

Esses fatos em comum, aqui destacados, na história de vida de cada uma das entrevistadas, chamam atenção por demonstrar que pode haver várias coincidências no percurso antes da entrada na prostituição. No entanto, uma vez dentro, as histórias parecem caminhar por estradas diferentes. Foi o que aconteceu com as entrevistadas.

Carla, depois de 6 anos na prostituição saiu porque conheceu alguém e mudou de estilo de vida. Lúcia completou 12 anos na prostituição, apesar de haver conhecido também uma pessoa; e Sabrina, após 10 anos, deixou o prostíbulo e depois conheceu alguém.

No caso das histórias de vida aqui relatadas, fica evidente que as três entrevistadas prostituíram-se porque não alcançaram outra opção para sobreviver; quer dizer, as opções que surgiam eram como empregada doméstica, pelo menos para as duas primeiras que já haviam trabalhado como domésticas.

Sabrina ainda se ofereceu para trabalhar como empacotadora de uma loja, ganhando salário mínimo, mas exigiam o 2º grau completo. Quando Sabrina descobriu outra forma de sobreviver, por exemplo, fazendo sanduíches naturais para vender na praia, fazendo shows em boates ou em casas de diversão, não mais voltou a prostituir-se.

Carla, a “boa de cama” e que adorava a noite, mesmo trabalhando, ia fazer “programa”. Lúcia, mesmo empregada, continua fazendo “programa”.

O que explica esses comportamentos tão diversos, caminhos tão diferentes mesmo tendo, as três, se iniciado na prostituição pelos mesmos motivos?

A resposta não é o que mais importa. Mas sim o fato de que não se pode fazer generalizações do tipo: “todas as prostitutas são assim”, ou elas “fazem de tudo”, ou ainda, “elas só estão nessa vida porque precisam sobreviver” etc.

Por que ser uma mulher de vida fácil? Certamente essa é uma resposta muito individual e que pode variar de situação para situação, dependendo do contexto e história de vida de cada uma. É o que se pode comprovar através dos depoimentos que demarcaram os caminhos a serem percorridos, dentro ou fora da prostituição.

A tendência a homogeneizar e estigmatizar a história de vida de uma mulher-prostituta reflete-se nos discursos, que não conseguem ver outras opções de vida para elas. Ou seja, a tendência é a de se imaginar que não existem ex-prostitutas. Esse fato fica evidenciado na fala de Nelson, ao afirmar que: “Minha filha, são coisa que não existe: ex-corno, ex-

baitola⁴ e ex-prostituta. Isso não existe” (Professor, 05/1996). Por conhecer mais de uma história de mulheres que não se ‘adaptaram’ à vida de casada, o professor, cita um exemplo:

“Eu conheço o caso d’uma menina na Bela Vista, que ela era prostituta, cabaré da Raimundinha. Coisa linda, “comi muito”! E tinha um amigo meu, ele trabalhava numa multinacional, ganhava um dinheiro “preto” (...) Se apaixonou por essa mulher e tal, etecetera, só bebia com ela, só transava com ela e tudo mais. E a paixão foi tanta que ele tirou do cabaré e botou numa casa (...), teve com ela um filho e foi no tempo que a firma pediu pra ele ir para São Paulo fazer um curso de seis meses pra ele ficar com o Norte/Nordeste. Era um dinheiro bom e ele deixou a mulher em casa com o filho, toda a assistência e tal, aquela coisa toda, tudo o que tinha direito (...) Sabe que prostituta é um bicho que num faz economia, só compra roupa fiado, num paga, é uma esculhambação danada... É diarista. É um negócio doido. Então, ela tinha tudo o que tinha direito: cartão de crédito, carro, tudo o que tinha direito. E, o cara viajou, num passou um mês. O cara viajou, ela voltou pro cabaré da Raimundinha. Ai a família comunicou a ele, o cara deixou foi o emprego e tudo, anarquizou com a vida do cara (...) Então, o que que acontece? Ela morreu de Aids, inclusive contraiu o HIV e tal... (05/1996).

Para reforçar essa tendência de não se conseguir mudar de vida, afirma ainda que não conhece nenhuma outra que tenha se “recuperado”, pois, todas as que casaram voltaram pra vida antiga. Porque eu acho que prostituição é um vício, entra, tá no sangue. Num tem essa coisa de retorno não (Professor, 05/1996).

Além disso, a comparação que faz entre o destino da prostituta e a vida dos porcos tem lógica, a julgar pelo discurso que desenvolve:

É como porco: você cria um bacurim num apartamento, todo limpinho, perfumado, todo santo dia, aquela coisa toda, numa casa mesmo. Numa casa, vamos dar um exemplo: você cria em cima do carpete, aquela

4 Baitola é o mesmo que “bicha”, “boiola” e outras expressões que referem-se a condição de homossexual masculino.

coisa toda, o bichinho todo perfumado e tal. No dia que ele vê uma porta aberta e um charque de lama, aí ele vai pra dentro. Com certeza, certo? Tá no sangue dele. Num é culpa do pobre coitado, como num é culpa da própria prostituta (Professor, 05/1996).

O discurso da fatalidade, do destino, é a tônica sempre presente quando trata-se de entender o porquê ser prostituta.

Eu sou muito fatalista (...) Eu acredito no Mactuby, que é uma filosofia árabe, né? Tá escrito, assim está escrito e assim deve ser feito, certo? Quem nasceu pra ser soldado nunca chega a general. Quem nasceu pra ser tachinha, vai chegar a prego caibral sabe quando? Nunca! Entende? É assim, tá no sangue, num tem condição, certo? (...) Não existe retorno, nem retorno e nem modificação. Tanto que eu digo: um ex-ladrão ainda é difícil. Agora, ex-corno, num dá, tá, porque o sujeito é corno hoje e a vida inteira e mais seis meses. Ex-prostituta é sempre uma prostituta (Professor, 05.1996).

Esse discurso, apesar de permear a realidade da prostituta, não é de todo aceito. É o que se observa nas falas dos seguintes entrevistados:

Não, eu acho que ainda existe. Existe porque eu conheço uma que parece que até hoje, tá com quatro anos ou é cinco anos que tá com o mesmo rapaz.(...) Parece que ela "deixou a vida. (Rádio-Técnico, 05/1996).

Ou ainda:

Claro, ela era prostituta. Tudo bem, era, mas encontrou uma pessoa que gosta, que ama. Qual é o problema dela ficar? Deixar de ser e ficar? Eu acho que não tem nada a ver esse tipo de coisa porque o amor também quando chega ele não vai dizer porque ele vai ficar ou vai querer (Funcionário Público, 05/1996).

E mais:

Ex? Existe, as vezes tem casos, eu conheço. De dez se tira uma que se regenera e... Aí é onde ela volta a ter equilíbrio das coisas. Tem, eu conheço casos (Técnico em Contabilidade, 05/1996).

No depoimento das ex-prostitutas, também fica clara a opção para se deixar a prostituição,

principalmente quando a oportunidade surge e elas têm interesse em sair:

Eu sou uma ex-prostituta com convicção. eu tenho algumas colegas que já deixaram, que voltaram, que deixaram novamente. Mas eu acredito que uma pessoa, ela tendo força de vontade, ela querendo realmente, ela sai. Ela é uma ex-prostituta, desde que ela queira (Ex-prostituta, 05/1996).

Sabrina também depõe:

Existe ex-prostituta se ela diz: 'Eu vou sair e vou viver outra vida'. Encontrou uma opção de vida, ela se casa ou se junta, desde daquele dia ela passa a ser ex-prostituta. Que ela não aceite mais suborno, que chegue uma pessoa pra dar o que der, ela não se vende mais. Então, desde aquele momento ela passa a ser ex-prostituta (Ex-prostituta, 05/1996).

Nesse sentido, penso que a sociedade necessita repensar seus conceitos e valores quando se trata de falar no diverso, no diferente entendido aqui como o que não se identifica com o "normal". No entanto, o direito à diferença passa antes de tudo pela aceitação da diferença, do diverso, enquanto cidadão e enquanto diferente. E principalmente, a aceitação e o entendimento de que dentro do diferente, do diverso também há distinções. Para se perceber o diferente dentro da própria diferença basta um pouco de sensibilidade, pesquisa e a (des)construção de conceitos que tentam eternizar verdades.

Atrás de cada diferença, de cada diferente, existe o outro, a alteridade sem o que a civilização não seria possível. Aceitar a alteridade é condição sine qua non para a construção de uma sociedade tolerante, civilizada.

O problema da alteridade, do outro, do diferente, tem preocupado os pensadores desde Platão até autores contemporâneos como Deleuze ou ainda VERNANT:

O Mesmo só se consegue e só pode definir-se em relação ao Outro, à multiplicidade dos outros. Se o Mesmo permanece voltado sobre si mesmo, não há pensamento possível. E acrescente-se: não há também civilização (...) Existe na idéia da civilização uma atitude espiritual que não tem valor moral e político, mas propriamente intelectual e que se chama tolerância (1991:34).

Foi nesse sentido que busquei privilegiar essa compreensão do diferente, ou ainda, do diverso "dentro do mundo" da prostituição, ou seja, o outro da diferença e não a diferença do outro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ADLER, Laure. A Vida cotidiana: os bordéis franceses -1830/1930. Trad. Kátia Maria Orberg e Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991. 217p.
- CASTRO, Ricardo Vieira Alves. Representações Sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In SPINK, Mary Jane (Org.). O Conhecimento no cotidiano - as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1993. 311p.
- CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 418p.
- CHALEIL, Max. Les Corps prostitué - Essai. Paris. Ed. Galilé, 1981, 543p. FRAGOSO, Antônio B. Elementos para uma leitura de fé da prostituição, In: O grito de milhões de escravas - a cumplicidade do silêncio. Rio de Janeiro, Vozes, 1983. 218p.
- GOFFMAN, Erving. A Representação do eu na vida cotidiana. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985. 236p. GOLDWASSER, Maria Julia. "Cria Fama e deita-se na cama": um

estudo de estigmatização numa instituição total. In: VELHO, Gilberto. Desvio e divergência - uma crítica da patologia social. 6 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1989. 144p.

- PIRES, José Maria et all. O Grito de milhões de escravas- a cumplicidade do silêncio. Rio de Janeiro, Vozes, 1983. 218p.
- RAGO, Margareth. Os Prazeres da noite - prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo, Paz e Terra, 1991. 322p.
- SPINK, Mary Jane (org.). O Conhecimento no cotidiano - as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1993, 311p.
- VERNANT, Jean-Pierre. A morte nos olhos - figuração do Outro na Grécia Antiga - Ártemis e Gorgó. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1991. 120p.

JORNAIS, REVISTAS

- ILNAR DE SOUSA, Francisca. Entrevista. In: Prostituição: família, maternidade e cidadania. Fortaleza: Universidade Aberta/Fundação Demócrito Rocha.
- _____. O turismo e a prostituição. Fortaleza, O Povo, 27/02/1996.
- LINS, Daniel Soares. O corpo prostituído. Fortaleza, O Povo, 27/02/1996.
- Revista Manchete. 1996